

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

JENNIFER FROES MARTINS



A CENA TEATRAL DE SANTA HELENA-MARANHÃO

São Luís

2025

JENNIFER FROES MARTINS

A CENA TEATRAL DE SANTA HELENA – MARANHÃO

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Lisboa Silva

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Froes Martins, Jennifer.

A CENA TEATRAL DE SANTA HELENA-MARANHÃO / Jennifer
Froes Martins. - 2025.

35 p.

Orientador(a): Maria Jose Lisboa Silva.

Curso de Teatro, Universidade Federal do Maranhão, São
Luis, 2025.

1. Santa Helena. 2. Teatro Comunitário. 3. Teatro
Maranhense. 4. Via Sacra. I. Lisboa Silva, Maria Jose.
II. Título.

A CENA TEATRAL DE SANTA HELENA-MARANHÃO

THE THEATER OF SANTA HELENA - MARANHÃO

JENNIFER FROES MARTINS ¹,

¹ [Discente do curso de licenciatura em Teatro] [jenniferfroes03@gmail.com]

RESUMO

O presente trabalho intitulado “A Cena Teatral de Santa Helena-Maranhão” buscou destacar os principais movimentos teatrais dessa cidade da baixada maranhense, tendo foco a tradicional Via Sacra do município de Santa Helena que em 2024 completou 30 anos de montagem. O artigo trabalha também discussões sobre o Teatro Comunitário e de como essa prática é importante para várias pessoas de diferentes realidades e contextos, bem como é acessível para diferentes públicos. As principais autoras para a fundamentação desta pesquisa foram: Márcia Pompeo (2008), Maria José Lisboa (2020) e Margot Berthold (1972). Este trabalho também carrega memórias da autora deste artigo e elas são apresentadas junto da bagagem teórica ao longo da escrita do texto. De certo modo, a pesquisa qualitativa se fez presente na condução deste artigo e concluiu-se que a cena teatral de Santa Helena é potente como Teatro Comunitário, fazendo parte da diversidade do Teatro Maranhense.

Palavras-chave: Santa Helena; Maranhão; Teatro Comunitário; Teatro Maranhense; Via Sacra.

ABSTRACT

This work, entitled “The Theater Scene of Santa Helena-Maranhão,” seeks to highlight the main theater movements of this city in the Maranhão lowlands, focusing on the traditional Via Sacra of the municipality of Santa Helena, which completed 30 years of production in 2024. The article also discusses Community Theater and how this practice is important for many people from different realities and contexts, as well as how this specific type of theater is accessible to different audiences. The main authors for the foundation of this research were: Márcia Pompeo (2008), Maria José Lisboa (2020), and Margot Berthold (1972). This work also carries memories of the author of this article, and they are presented together with the theoretical background throughout the writing of the text. In a certain way, qualitative

research was present in the conduction of this article, and it was concluded that the theater scene of Santa Helena is powerful with Community Theater being part of the diversity of Maranhão Theater.

Keywords: Santa Helena; Maranhão; Community Theater; Teatro Maranhense; Via Sacra.

INTRODUÇÃO

Iniciarei esse trabalho relatando um pouco da minha história com o teatro e, acessando memórias afetivas de minha infância, que ao longo desses anos percebi como a arte esteve presente em minha vida. Sempre fui e respirei arte. Quando criança, no meu 2º ano do ensino fundamental, lembro de estar em sala de aula com outras crianças copiando os deveres passados no quadro verde, quando a professora que se chamava Valéria, nos contou que iríamos montar uma peça de teatro para apresentarmos no palco da escola.

Por ser filha de pais divorciados, boa parte da minha infância e educação aconteceram na cidade de Araçatuba - SP com meu pai. Iniciei meus estudos na escola EMEB Euza Neuza Marcondes Lários no ano de 2007, tratava-se de uma escola pública e com boa estrutura. Um bom lugar para se educar uma criança, lembro que minha primeira peça de teatro foi naquele local, onde recebi da professora o papel de ser uma zebra, pois era uma peça que falava de animais. Ensaíamos e apresentamos a peça envolvendo música e dança para toda escola, recordo de ter sido uma sensação fantástica.

Passando um pouco dos anos, em 2010 eu já estava em Santa Helena, cidade na qual eu nasci no Maranhão, estudando em outra escola e vivenciando uma nova realidade. Estava morando com a minha mãe, numa casa na parte rural de Santa Helena, e aquilo foi um choque de realidade, pois até certo tempo eu vivia com meu pai em outro estado, vivendo em uma cidade grande, com uma cultura diferente e numa região totalmente urbanizada, e isso explica o fato da minha pessoa não ter absorvido tanto algumas manifestações da cultura popular maranhense na primeira infância.

Pois bem, nessa escola que se chama Centro de Ensino Hemetério Marcos Webá, tive no 5º ano do ensino fundamental, aula com a professora chamada Bárbara e ela ajudou a me educar nessa nova realidade do Maranhão. Tenho uma lembrança comigo dessa professora montando uma peça sobre a criação do mundo, onde as personagens eram Deus e diferentes animais, recebi o papel do gato, apresentamos a peça para a escola toda e novamente me senti feliz com aquele momento. E aqui, eu percebo como teatro foi um grande norte no meu

processo de aprendizado, pois eu enquanto aluna, conseguia assimilar as mensagens de trás do trabalho executado, bem como o auxílio do meu contato com outras pessoas na perda da timidez.

Os anos foram passando e já em 2014, novamente eu me encontrava no estado de São Paulo vivendo com a família do meu pai, viajei para lá para fazer um tratamento de saúde e fui matriculada na escola municipal Prof. Waldomiro Gallo, na cidade de Guapiaçu. Neste município, morava meu primo, Rivelino Martins, que era professor de sociologia, mas que também era ator e bailarino. Ele foi uma das minhas primeiras inspirações enquanto pessoa artista e membro da comunidade LGBTQ+, ele me levava ao teatro para assistir espetáculos no teatro SESI “Waldemar de Oliveira Verdi” de São José do Rio Preto, uma cidade grande e vizinha de Guapiaçu. Sempre ficava encantada com aqueles momentos de escapismo. Foi ele também o responsável por me apresentar a dança contemporânea, me levando para fazer aulas que ele participava na cidade Uchoa, ainda no estado de São Paulo.

Avançando mais ainda no tempo, chegamos ao ano de 2017, onde eu já me encontrava mais uma vez em Santa Helena, minha cidade natal, no estado do Maranhão. Estava na adolescência me entendendo enquanto indivíduo e construindo questionamentos políticos, pessoais e interpessoais sobre o mundo.

Eu participava da Igreja católica local de Santa Helena e era membra de um grupo de jovens da igreja de Nossa Senhora de Nazaré, aonde sempre ia para professar a fé e acompanhar minha avó. Ali eu era ativa na igreja fazendo leituras e preces nas missas, além de fazer parte do grupo de jovens chamado JUF (Jovens Unidos pela Fé). Nesse grupo eu explorava meu lado artístico cantando nos encontros da PJ (Pastoral da Juventude) e mais para frente participando da tradicional montagem da peça da Paixão de Cristo de Santa Helena.

Diante de tudo que foi relatado aqui, posso afirmar que a arte é uma extensão de mim. Participei dessa montagem teatral sacra como parte do elenco por dois anos, e interpretei diferentes personagens bíblicos. Por ter vivido essa experiência de atuação, no ano de 2018, ocorreu em Santa Helena uma oficina de iniciação teatral, pela parceria feita entre a prefeitura municipal de Santa Helena com o Centro Profissionalizante de Artes Cênicas do Maranhão (CACEM), na pessoa do diretor da época Josimael Caldas.

Lembro de ter participado desse momento de oficina por dois dias e isso despertou o meu interesse em cursar a graduação de teatro. Entrei na universidade no ano seguinte e vi uma gama de conteúdos envolvendo o mundo das artes cênicas, e sempre trazia em minha bagagem o meu município de origem nas discussões em sala de aula. E sempre pensei nas

atividades culturais de lá que poderiam se relacionar com o meu aprendizado no Curso de Licenciatura em Teatro da UFMA.

Fazendo uma análise da realidade teatral do Maranhão, notei que nesses meus cinco anos de graduação, existem diferentes realidades sobre o fazer teatral no estado. Para ser mais específica, o primeiro ponto é a cidade de São Luís, por ser uma capital, esse lugar tem uma gama de privilégios das pessoas que fazem e vivem de teatro, pois essa prática artística se encontra em terras ludovicenses de maneira institucionalizada desde o século XIX, o que se difere das demais cidades do território maranhense, os famosos interiores.

O segundo ponto, é a possível dinâmica de perceber o protagonismo da Igreja Católica na produção de arte em várias cidades do estado. Trazendo para a minha vivência enquanto helenense e pessoa que já frequentou a Igreja Católica, é muito comum em várias cidades da região da baixada maranhense, peças teatrais sendo realizadas por católicos que são não-atores. E por isso, surgiu a ideia de escrever sobre o processo de montagem do espetáculo da Paixão de Cristo de Santa Helena e outras atividades teatrais presentes em minha cidade de origem. De certa forma, minha memória afetiva enquanto artista e cidadã helenense, propiciou toda essa pesquisa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem um teor político de afirmação territorial sobre o teatro helenense em solo maranhense, visto que toda cidade tem sua cultura e produção de arte. Sendo o seu principal objetivo, investigar como nasce e ocorre a cena teatral da cidade de Santa Helena, bem como relatar os processos artísticos da Via Sacra local, encenado por não atores e entender a importância do teatro neste município maranhense. De certo modo, a maioria dos pesquisadores de teatro que se encontra na academia, especificamente da UFMA, ainda veem o teatro maranhense localizado apenas na capital de São Luís. Lembro das várias vezes de relatar sobre a Via Sacra de Santa Helena, ou sobre o teatro municipal que existiu nos anos 1990 naquela cidade, e alguns colegas acadêmicos ficaram surpreendidos, pois quase não se discute ou trabalha a existência de teatro fora do eixo São Luís no Maranhão.

Escrevo esse trabalho acerca das minhas memórias e vivências, mas também de outros participantes da pastoral da juventude de diferentes gerações, assim como cidadãos helenenses, por entender que é preciso reconhecer a Via Sacra de Santa Helena como um pilar de forte tradição teatral/cultural, assim como as demais atividades teatrais presentes na cidade, como o teatro que ocorre nas escolas e o das igrejas evangélicas.

Espero que esta pesquisa possa contribuir para a representação de helenenses no teatro maranhense, assim como estudantes e pesquisadores de teatro da UFMA possam

estudar diferentes fazeres teatrais fora do eixo São Luís em outros municípios do estado do Maranhão, para que assim possamos descentralizar o conceito de teatro maranhense ser somente referenciado e destacado na capital.

A presente pesquisa ocorreu de forma qualitativa, exploratória e bibliográfica, e contou com fontes orais e teóricas para a condução desta escrita. Entrevistas remotas ocorreram com cidadãos da cidade de Santa Helena para o apanhado de informações, bem como o uso de autores do teatro como Márcia Pompeo (2008), Maria José Lisboa (2020) e Margot Berthold (1972).

A PRÁTICA TEATRAL EM SANTA HELENA

Santa Helena é uma cidade pequena da região da baixada maranhense, possuindo em sua população total 41. 561 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2022. A origem da cidade de Santa Helena se dá pela formação de uma antiga aldeia indígena às margens do rio Turiaçu. O povoamento se iniciou através de um homem indígena chamado Pedro Alves que, recebeu aquelas terras no século XIX. A etnia indígena que habitava ali, era a do povo gamela que hoje em dia tem sua maior concentração nas cidades de Viana e Matinha, ambas as cidades são localizadas na região baixada maranhense. É importante destacar também que a região da baixada maranhense leva esse nome pelo fato geográfico de que todas as suas cidades constituintes possuem planícies que alagam na época de chuvas, ou seja, seus relevos são baixos. Todos os municípios dessa região possuem rios e lagos, que influenciam na economia e cultura, como a prática da pesca. Em Santa Helena ocorre esse feito, o rio Turiaçu auxilia na renda local da cidade, bem como a agropecuária e o comércio de varejo.

Outro fato interessante de Santa Helena, é que a cidade possui um sítio arqueológico que se encontra às margens do rio Turiaçu. E no ano de 2023 foi inaugurado o Museu de Arqueologia Helenense, que contém em seu acervo peças de cerâmicas de sociedades indígenas que habitaram ali há mais de mil anos. Sendo também o primeiro museu desta cidade.

A cidade de Santa Helena recebe esse nome em homenagem à santa católica que encontrou a cruz de Cristo em Jerusalém ainda em vida. Todavia, existe um conto popular entre os habitantes mais antigos da cidade de que o nome daquele município surgiu de fato em homenagem a uma mulher indígena que se chamava Helena. A história da indígena Helena conta que ela era uma mulher jovem e linda, mas faleceu de forma precoce. Os indígenas de sua aldeia ficaram tristes com sua morte e a enterraram próximo ao rio Turiaçu, se passaram

anos e em seu túmulo germinou muitas flores, os indígenas da aldeia então curiosos, decidiram abrir o túmulo e viram o corpo da indígena intacto, então decidiram cultuá-la, enquanto uma entidade santa, e a partir daí começaram a chamar aquele local de Santa Helena. Alguns boatos contam que a igreja matriz de Santa Helena foi construída em cima do túmulo da jovem indígena.

Trazendo o foco para o campo do teatro, essa cidade já possuiu um prédio de teatro na década de 1990, que era chamado de Teatro Municipal de Santa Helena, onde o local funcionava como uma extensão da antiga Escola 13 de Maio, que hoje em dia se chama Antônia Silva Ribeiro, localizada no centro do município.

Entrando em diálogo com a professora e cidadã do município Silvia Froes¹, em 12 de abril de 2024, via whatsapp, para saber informações sobre esse prédio que existiu na cidade e sua fundação, ela afirma que:

No que diz respeito ao teatro, ali nesse espaço onde foi construído o prédio do teatro municipal, o terreno antes era uma rodoviária e foi demolida na gestão do prefeito padre William, ele destruiu e reconstruiu como homem visionário, um tablado, tipo um palco para ter apresentações locais e escolar.

Basicamente, naquele espaço do Teatro Municipal de Santa Helena eram feitas atividades teatrais pedagógicas com os jovens que estudavam na escola 13 de maio, já que os terrenos eram colados um próximo do outro. O fundador desse espaço foi o prefeito da época, padre William Guimarães, que governou entre os anos 1992 e 1994, que também exercia a função de médico para os habitantes. Ele ficou no mandato da prefeitura por apenas dois anos e teve que ser retirado por questões políticas locais.

Segundo a professora Sheila Froes², que é a minha mãe, professora e cidadã local, em 14 de abril de 2024, via Whatsapp, comentou sobre o Teatro Municipal de Santa Helena:

Sobre o teatro de Santa Helena, eu acho que ele foi fundado entre 1993 e 1994, porque foi justamente o ano que eu vim embora de Pinheiro para Santa Helena e fiz meu quarto adicional. Esse teatro foi feito para que houvesse encenações para a população. Quem começou a fazer esses tipos de encenações foram os alunos da escola 13 de maio, na época. Inclusive minha irmã Silvia foi uma das atrizes, a professora Branca... Então assim, quem fazia essas encenações eram os estudantes, né, eles faziam trabalhos escolares lá.

¹ Silvia Fróes é professora graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e professora da rede estadual de Santa Helena

² Sheila Fróes é professora graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão.

Esse teatro surgiu na década de 1990, basicamente ele foi construído entre os anos 1993 e 1994 como explica a citação acima. O Teatro Municipal de Santa Helena surgiu no intuito de proporcionar encenações locais de teatro. A professora Sheila Fróes ainda informa que os alunos do ensino médio da época utilizavam para montar suas apresentações.

Um exemplo dessas apresentações, foi o relato de dona Sheila ao dizer que sua irmã Silvia Fróes, que hoje em dia também é professora da cidade, atuando nas escolas da rede pública municipal e estadual de ensino do município, estava cursando o terceiro ano do ensino médio e teve a oportunidade de se apresentar no palco do Teatro Municipal de Santa Helena, encenando uma peça sobre contos de fadas. Sua irmã interpretou uma bruxa, mas ela não recorda mais detalhes desse espetáculo. Mas é a certeza de que aquele teatro foi pensado para o uso da população, seja escolar ou produções artísticas locais e/ou estaduais.

Como todo local gerenciado pelo poder público, aquele espaço passou por grandes mudanças, deixando de ser um teatro e virando cine teatro nos anos 2000, devido ao fato de existirem poucas produções teatrais no espaço. Depois de ser um cine teatro, aquele prédio se tornou polo da Universidade Estadual do Maranhão a partir de 2012, finalizando o convênio com a prefeitura de Santa Helena no ano de 2016.

Atualmente o prédio daquele antigo teatro que surgiu na década de 1990, hoje em dia é um polo da Universidade Federal do Maranhão, onde funcionam os cursos de licenciatura em Letras e Educação Física. É importante destacar que boa parte das transformações desse espaço ocorriam pelo motivo do prédio ser do poder público municipal, então desde o mandato do prefeito Padre William Guimarães, outras pessoas ocuparam a prefeitura de Santa Helena e cada prefeito dava uma funcionalidade diferente para aquele prédio.

Todavia, o ano exato que o prédio do teatro foi oficialmente extinto foi em 2012 pela antiga prefeita Helena Pavão. A mesma, em seu mandato, proporcionou um avanço na educação pública de ensino superior local ao firmar parceria com a UEMA, pelo programa Darcy Ribeiro, programa esse que foi lançado no ano de 2009 pelo antigo governador do estado do Maranhão, Jackson Lago. Esse programa tinha o intuito de implementar cursos de licenciatura nas diferentes áreas da educação básica em alguns polos/municípios do estado.

E refletindo sobre esse programa, ele de fato possibilitou o acesso de muitas pessoas ao ensino superior, por ser mais acessível para pessoas interioranas do estado, visto que muitos não conseguiam dar continuidade aos estudos pós ensino médio fora da capital do estado, por questões financeiras. Existia uma realidade onde somente pessoas privilegiadas prosseguiram na carreira acadêmica superior.

Para se ter como exemplo, o polo Darcy Ribeiro de Santa Helena possuía cursos da área da licenciatura, como: Biologia, Matemática, História e Letras. Diante disso, pode facilitar a formação de helenenses e pessoas das cidades vizinhas, como Turilândia e Turiaçu, todavia, esse programa acabou findando o teatro municipal.

Ressalto ainda que Santa Helena, como qualquer outra cidade, apresenta uma diversidade cultural em suas manifestações artísticas e nesse trabalho eu pretendo destacar algumas, como: A Via Sacra da Igreja Católica, alguns espetáculos das Igrejas Universal e Assembleia de Deus e o Teatro Estudantil. Todavia, tendo foco na Via Sacra como maior objeto de estudo, por estar vinculado ao teatro comunitário.

TEATRO ASSEMBLEIANO E UNIVERSAL

Iniciarei relatando sobre o teatro cristão que vivenciei como espectadora ainda na adolescência. Esse tipo específico de teatro que como o nome sugere, é pautado nas igrejas cristãs sendo elas as protestantes: Assembleia de Deus e a Igreja Universal. Nomeei dessa forma em alusão a essas duas vertentes de igrejas protestantes presentes na cidade de Santa Helena. Existem outras denominações de igrejas protestantes ainda nessa cidade, como a Igreja Batista, a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Igreja Mundial do Poder de Deus entre outras, porém destaco nesse texto a Assembleia de Deus e a Igreja Universal, pelo fato de já ter visto trabalhos teatrais delas.

Essas instituições religiosas utilizam-se do teatro, através das pregações, celebrações e cultos como forma de fortalecer a religião e a figura de um Deus único. As Igrejas Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus, produzem teatro em suas celebrações, com peças focadas em histórias bíblicas, onde os próprios fiéis produzem suas roupas e adereços para as apresentações. De certa forma, o teatro dentro das igrejas propicia o entretenimento artístico para seus fiéis, principalmente ao público de crianças e adolescentes, tendo peças direcionadas a esses públicos. É comum que nessas organizações religiosas, existam calendários com agendas para serem trabalhadas com os fiéis, bem como atividades pensadas para os respectivos grupos que frequentam essas igrejas.

Podemos trazer o exemplo da Assembleia de Deus de Santa Helena, que possui dias específicos para jovens e crianças, com atividades voltadas para elas. Sendo assim, é comum que nesses segmentos o teatro apareça como, por exemplo, os encontros da escola bíblica dominical, que funciona como uma espécie de educação pedagógica cristã, com o intuito de educar/pregar histórias bíblicas para esses públicos não adultos.

Então, dentro dessa educação que ocorre geralmente aos domingos, jovens e crianças possuem momentos de lazer e ludicidade. O teatro aparece ali como um “parceiro”, é comum que as lideranças da escola bíblica dominical promovam essa prática, formando assim, de forma separada, grupos de jovens e grupos de crianças. A separação é feita pela faixa etária e esses grupos trabalham não somente o teatro, mas também a dança, a música e outras artes, mas tudo ligado ao universo cristão.

O mesmo ocorre com a Assembleia de Deus, assim como a Igreja Universal. Esta também pensa atividades para seus respectivos públicos de fiéis. Lembro-me de ser adolescente, e ouvir de colegas que frequentavam a Igreja Universal, que participavam de espetáculos teatrais e apresentavam em dias específicos de culto, bem como coreografias de *Hip Hop*, pois comparado a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja Universal era mais aberta a acatar esse estilo de dança que foge do tradicional gospel.

De certo modo, essa questão de as Igrejas utilizarem o teatro para suas pregações não é algo tão recente, podemos fazer analogias a diferentes contextos históricos onde a Igreja Católica utilizou-se do teatro para fortalecer o cristianismo no período medieval e aqui, no Brasil, precisamente no século XVI para catequizar os indígenas, no período da colonização. Naquela época, os padres jesuítas montavam peças teatrais para comunidades indígenas com o intuito de convertê-los ao catolicismo. Algo errôneo, visto que impunham uma nova religião e uma nova cultura a quem já possuía seus ritos culturais firmados.

Silveira, Almeida e Casimiro (2021) descrevem a maneira como os jesuítas agiam em comunidades indígenas para o processo de conversão ao cristianismo por meio do teatro com o uso da memória, visto que narrativas orais eram presentes em comunidades de povos originários. Era comum que os indígenas mais velhos usassem da narração de histórias com pequenas encenações para contar memórias do passado e mitos para educar os mais jovens:

Os conteúdos da memória eram temas presentes na Companhia de Jesus, que soube instrumentalizá-los em função da conversão, isso porque, para os jesuítas, a conversão e o arrependimento implicavam necessariamente o ato de lembrar (Silveira, Almeida e Casimiro, 2021, p. 90).

Um dos padres que mais se destacou nesse processo de catequização de povos indígenas no Brasil, foi o padre José de Anchieta. Os indígenas mantinham o costume de valorizar a memória, então muitas narrativas familiares de antepassados eram contadas nas aldeias, passando dos idosos até as crianças. Sabendo disso, Anchieta e os demais jesuítas perceberam a importância da memória e de como ela era fundamental para o ato de narrar

histórias e encenar também. Entendendo as tradições indígenas, os padres jesuítas correlacionaram ao trabalho que já faziam em pregações, como o uso de parábolas. Silveira, Almeida e Casimiro (2021) em estudos sobre o Teatro Anchietano³, afirmam que,

Anchieta fazia uso do seu conhecimento em retórica, adquirido no Colégio das Artes, em Coimbra, onde estudara seus fundamentos e se dedicara aos momentos de declamação e emulações, o que realizou nas representações teatrais (Silveira, Almeida e Casimiro, 2021, p. 90).

Chegamos então a um consenso da figura da instituição igreja e o seu poder de dominação com o uso do teatro. O padre José de Anchieta foi um grande dramaturgo desse período de colonização do Brasil, segundo Décio de Almeida Prado (1993), pois ele e outros padres jesuítas conseguiram de forma estratégica converter grupos indígenas ao cristianismo. Basicamente, só adaptaram alguns costumes e ritos que já existiam naquelas comunidades que foram invadidas pelos colonizadores e inseriram a catequese.

As pesquisadoras Silveira, Almeida e Casimiro (2021) nos contam que:

Nas sociedades indígenas, técnicas mnemônicas possibilitaram atualizar e reconstruir memórias por meio das lembranças transmitidas entre as gerações, como é o caso dos rituais com cânticos e as reuniões em torno de seus líderes a fim de ouvir sobre os seus antepassados. No entanto, a memória indígena sofreu fortes interferências dos jesuítas, que se esforçaram por torná-la obsoleta, mas se depararam com a resistência, razão que conduziu Anchieta e seus companheiros a entenderem que exterminá-la seria contraproducente. Por isso, encontraram maneiras de convencê-los, para não dizer forçá-los, a mudarem suas tradições, suas culturas, suas vivências (Silveira, Almeida e Casimiro, 2021, p.92).

Para alguns estudiosos do teatro brasileiro, o José de Anchieta e os demais padres jesuítas, foram os pioneiros do teatro no Brasil, todavia, é necessário se refletir e pensar sobre essa patente. Segundo, Décio de Almeida Prado (1993, p. 15), já anunciava que "seria um erro, porém, supor que, antes dos jesuítas, não tivesse havido teatro no Brasil", uma vez que os indígenas já possuíam suas culturas e nelas era possível já existir atos cênicos que podem ser lidos e/ou interpretados como teatro. Visto que já se tinham cerimônias com canto, dança, cortejo e narrações de histórias realizadas nas aldeias. Várias etnias de povos indígenas já possuíam seus deuses e a quem dedicar sua fé. Muitas comunidades indígenas mantinham o ato da oralidade e boa parte dessa oralidade era encenada entre eles. O teatro como qualquer arte nasce do rito e os indígenas já obtinham os seus.

³ Teatro Anchietano é o termo dado para o teatro realizado pelo padre jesuíta José de Anchieta no período do século XV no Brasil

Reis e Batista (2021) analisam também esse contexto do teatro jesuítico e a sua atuação em comunidades indígenas durante a colonização e nos contam que,

O processo de colonização e as diferentes visões do mundo, ou de doutrinas filosóficas dos europeus e africanos, transformou a identidade dos indígenas (autóctones) e contribuiu para o enfraquecimento e até a extinção das culturas de alguns grupos da colônia. O teatro, empregado como instrumento religioso, representou uma espécie de regressão ao tentar manifestar visualmente as facetas da religião que os indígenas não compreendiam completamente através dos sermões. Dessa forma, eles recorreram a elementos fantasiosos nas apresentações, criadas com o intuito de legitimar o poder colonial (Reis e Batista, 2021, p.111).

Um pouco antes desse período histórico de invasão europeia no Brasil, temos o período medieval onde as peças geralmente eram realizadas dentro de igrejas, conventos e praças públicas. Por lá era transmitido valores morais e éticos para a população.

A cristianização da Europa Ocidental cultivava florestas e almas. Elementos do "teatro primitivo" sobreviventes nos costumes populares, o instinto congênito da representação e a força não secularizada da nova fé combinaram-se, perto do final do milênio, para conjugar os vestígios esparsos do teatro europeu numa nova forma de arte: a representação nas igrejas. Seu ponto de partida foi o serviço divino das duas mais importantes festas cristãs, a Páscoa e o Natal. O altar tornou-se o cenário do drama. O coro, o transepto e o cruzeiro emolduravam a peça litúrgica a expandir-se cada vez mais e devolviam o eco das antífonas solenes provenientes das alturas imaginárias às quais se dirigiam (Berthold, 2001, p.185).

O Teatro Medieval alcançava um grande público, incluindo pessoas de diferentes classes sociais e níveis de educação. Aqui, já denotamos as características desse tipo de teatro e de como ele se relaciona com a prática do teatro cristão em Santa Helena, seja de origem protestante ou católica, pois acaba que os mesmos discursos são trabalhados. E de certa forma, também se relaciona com o teatro comunitário, visto que as Igrejas atuam *na* comunidade, *com* a comunidade e *da* comunidade – uma característica bem peculiar do teatro comunitário, que segundo Claudia Andrade :

Com o objetivo de estabelecer novas relações com a audiência e novas formas de pensar e conceber a arte teatral, o teatro comunitário procura desenvolver um tipo de teatro que não se reduza a um texto dramático, que interaja com as suas comunidades e que possa constituir um lugar privilegiado para a contaminação de linguagens artísticas (Andrade, 2011, p.6).

A citação acima nos elucida sobre a ideia do que seria o teatro comunitário e de como ele funciona dentro de uma comunidade.

O Teatro Medieval continha personagens alegóricos, onde na maioria das vezes as narrativas eram baseadas em histórias da bíblia com três gêneros específicos, esses gêneros eram os mistérios, as moralidades e os milagres. Na Via Sacra de Santa Helena, os mistérios são mais trabalhados, pois é encenado a vida de Jesus Cristo até sua morte e ressurreição. O Teatro Medieval ocorreu entre os séculos XII e XV, até a chegada do período renascentista.

Representação do Teatro Medieval



Fonte: Site Toda Matéria (2024)

Dando prosseguimento ao que foi intitulado neste capítulo de Teatro Assembleiano e Teatro Universal, para entender ambas as práticas, foi necessário realizar essa contextualização histórica do Teatro Anchietano e do Teatro Medieval, para termos alusões significativas, mesmo que esses segmentos teatrais possuindo diferenças históricas, mas se complementam por estarem contidos no teatro cristão, ainda que sejam práticas católicas.

Do município de Santa Helena trago duas memórias de espetáculos que assisti das Igrejas Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus. No caso, um espetáculo de cada igreja. É importante deixar claro que esses espetáculos ocorreram de forma incipiente sem muitos recursos técnicos e/ou estéticos. Muitos deles ocorreram dentro dos espaços das igrejas e outros, em espaços urbanos como praças e ruas.

Tenho a lembrança de estar no 9º ano do ensino fundamental, quando um grupo de teatro da FJU (Força Jovem Universal), apareceu na escola, apresentando uma peça, no qual não possuo lembrança do nome, mas que era de autoria de membros da FJU⁴, sobre o enredo de uma pessoa que estava desviada da Igreja e lidava com as adversidades mundanas até encontrar a Cristo.

Aqui é perceptível essa passagem de valores cristãos, onde surge uma moral para a sensibilização e a reflexão do público. Basicamente, o grupo FJU trabalhou a narrativa do bem e do mal, que é totalmente comum na maioria dos espetáculos teatrais de origem cristã. É uma imposição de crença, no qual se pensa que aqueles que convivem fora dessa instituição religiosa serão castigados, e para alcançar a salvação é preciso procurar a luz de Cristo em um templo sagrado para viver eternamente na luz após a morte.

Os séculos se passaram, mas essa narrativa continuou firme e se apresenta desde o período do Teatro Medieval até a atualidade. O grupo FJU que apresentou essa peça era oriundo da Igreja Universal do Reino de Deus.

Fazendo uma análise do que assisti na época, a narrativa proposta pelo grupo FJU é presente em vários trabalhos do Teatro Cristão, basicamente é explorado o gênero teatral dos mistérios, que era muito comum no Teatro Medieval, mas de certa forma, estimula a apreciação do teatro, tanto para quem faz quanto para quem assiste.

Relatando ainda sobre a peça do grupo FJU, lembro de todos os alunos da escola prestarem atenção no que estava sendo apresentado, pois era algo novo naquele ambiente. E isso acabou sendo um processo de mediação cultural, pois a escola abriu a possibilidade de um grupo artístico de se apresentar naquele espaço, estimulando o aprendizado dos alunos e a apreciação artística local. Naquele momento a “mediação cultural” surgiu para “fazer da ação cultural um instrumento a favor do social, fomentando as trocas e as relações entre os indivíduos” (Romanello, 2015. p.265 *apud* Menares, 2023. p. 169).

Diante disso, reflito sobre como as igrejas são fomentadoras de arte, pois elas estão presentes em várias comunidades e territórios. Talvez isso se dê pela falha do estado na maneira em que não facilita o acesso à arte para as pessoas, principalmente em territórios rurais, periféricos e/ou interiores.

É possível dentro de uma igreja produzir teatro, dança, música, artesanato, moda etc. Todavia, apesar de fazer uma pesquisa sobre teatro cristão e de como ele acontece na cena teatral de Santa Helena, também reflito sobre como a arte de maneira geral se encontra nesses templos sagrados e serve também para propagar discursos opressores às minorias, como de

⁴ FJU é um grupo de jovens da Igreja Universal do Reino de Deus, suas atividades são focadas no público jovem.

povos de terreiros e comunidade LGBTQIA+, mas reconheço o potencial dessas instituições em promover atividades artísticas em seus cultos e reuniões para seus fiéis. Se torna um incentivo para a fomentação da arte.

Sobre a peça que vi e fora relatada acima, recordo dos elementos cênicos que me chamaram a atenção. Um deles foi a atuação do elenco, que flertava com Stanislavski e a sonoplastia por meio de celulares e caixas de som. Esses elementos ajudaram na construção do foco do público em querer assistir à peça. Estive ali e tentava prestar atenção em tudo.

Ambientar o espectador para o processo de compreensão de um espetáculo é necessário. Berthold (2001) conta como Stanislavski se preocupava com isso, ela explana da seguinte forma: “Ele mobilizou todos os meios concebíveis de ilusão ótica e acústica, de forma a criar a “atmosfera” correta para seus atores e para o público” (Berthold, 2001, p. 463).

Em particular, essa montagem, já me fazia pensar na possibilidade de fazer teatro, pelo momento vivido ali como espectadora. Ter a possibilidade de ver as performances das atrizes, me fez pensar muito como aquela representação ficou marcada em minha memória. Um exemplo que destaco, é da personagem da atriz/comunitária, uma jovem ruiva, que trazia em sua face as expressões de fúria. A personagem em si, era a figura de um demônio e a atriz tinha uma ótima presença de palco, sua voz era muito bem projetada, seu figurino era todo preto e ela representava o mal encarnado. Então, ao mesmo tempo que ela encantava pela beleza, também assustava pela sua personagem potente, pela sua força dramática. A maquiagem também era focada em tons escuros e preto na boca e nos olhos. Isso tudo auxiliou na caracterização da personagem, na construção das cenas em que, principalmente, essa atriz, em específico estava.

Outro ponto que me recordo do que vi ali sendo apresentado, foi a adaptação do espaço escolar para o recebimento daquela apresentação teatral no ano de 2015. Todo espetáculo ocorreu na lateral da minha antiga escola, o Centro de Ensino Antônia Silva Ribeiro, ou seja, aquele pequeno pedaço de terreno que era apenas cimentado e havia um grande muro, um espaço que serviu para acolher os alunos da escola na organização do público, enquanto os atores delimitaram um pequeno espaço como, espaço cênico. A escola não tinha auditório e nem uma estrutura com palco, como muitas escolas públicas maranhenses têm, portanto, havia um improviso, para as apresentações.

Trago comigo outra memória teatral, como o espetáculo que aconteceu na praça José Sarney, organizado pela Assembleia de Deus, pelo projeto CELEBRAI, no ano de 2013. Sempre tinha o costume de ver os espetáculos apresentados na praça José Sarney que a

Assembleia de Deus encenava, pois meu primo, David, e minha tia, Francisca (Chica como era conhecida), me levavam para ver por serem protestantes. Era frequente que os membros da Igreja Assembleia de Deus produzissem espetáculos teatrais para chamar a atenção do público, principalmente os jovens para congregar a sua instituição.

Cartaz do projeto CELEBRAI



Fonte: Google Imagens (2012)

Lembro-me de um espetáculo que assisti que fazia a abertura do projeto CELEBRAI⁵, esse trabalho tinha em seu elenco os então nomeados “Soldados de Cristo”, cujo espetáculo recebia o mesmo nome, a direção e toda produção era de autoria dos próprios protestantes da Assembleia de Deus. Esses soldados de Cristo formavam um batalhão de homens e mulheres jovens, formando então o elenco. Esse elenco respondia ao comando de uma general, que era uma mulher congregada na igreja. Ela tinha um papel fundamental em ser a narradora e guiar todo o espetáculo. Uma das frases marcantes que a atriz/comunitária, Raquel Dias dizia, era uma citação bíblica do livro de Isaías do capítulo seis e versículo número oito. A frase era “Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem irá por nós?” e o elenco respondia em coro “Eis-me aqui, envia-me a mim”. Isso tudo ocorria sem microfone, apenas as vozes potentes daquelas pessoas ressoavam na praça inteira.

Então esse era o jogo teatral e acontecia daquela forma, era uma espécie de coro e corifeu, como os gregos faziam nos rituais dionisíacos do ditirambo. Então é possível criar essa comparação do que ocorreu no espetáculo “Soldados de Cristo”, com o que acontecia nos rituais gregos em homenagem ao deus Dionísio.

Claudia Andrade nos informa que:

Quando as cidades passaram a ter os próprios cultos religiosos, escolhem também as suas divindades protetoras, e a exaltação de um sentimento de identidade e pertença traduz-se na criação de novos lugares de culto. A construção de templos ao mesmo tempo que fortalece o sentido da polis, funciona como centro unificadores de um

⁵CELEBRAI é um projeto realizado pela Igreja Assembleia de Deus do município de Santa Helena. Ocorre durante -10 noites de cultos a céu aberto na praça José Sarney.

sentido identitário- são espaços públicos e comuns que fixam e determinam o culto e lugar de uma determinada divindade (Andrade, 2011, p. 25).

Margot Berthold (1972) em seu livro “História Mundial do Teatro” descreve um pouco sobre esses rituais que aconteciam em homenagem ao deus Dionísio e outras entidades gregas, afirma que:

Para honrar os deuses, "em cujas mãos impiedosas estão o céu e o inferno", o povo reunia-se no grande semicírculo do teatro. Com cantos ritmados, o coro rodeava a orquestra: "Vem, ó Musa, unir-se ao coro sagrado! Deixa nosso cântico agradar-te e vê a multidão aqui sentada!" Estes hinos em forma de verso são de As Rãs, de Aristófanes. Precisamente ele, o "zombador incorrigível", invocou novamente, em sua última comédia, o poder da tragédia grega clássica, cuja idade de ouro durou aproximadamente um século (Berthold, 2001, p. 104).

Sobre essa religiosidade presente no início do teatro grego, a pesquisadora Claudia Andrade nos especifica que:

Originalmente concebido como celebração sagrada, o acontecimento teatral está relacionado aos ritos agrários, com o final de um ciclo de trabalho, com um tempo de descanso e de festa que conheceria posteriormente outros estágios e evoluções. O teatro de caráter litúrgico e religioso surgiria na Grécia, como antes já tinha surgido noutras civilizações como o Egito, China, na Índia ou em Creta. As primeiras representações dramáticas na Grécia teriam sido ditirambos. De caráter sagrado, o ditirambo terá surgido em Corinto com Aríon de Metimna, e surge estreitamente relacionado com ritos agrários ao Deus Dioniso e com o lirismo coral. (Andrade, 2011, p. 22)

Nas origens do teatro grego, onde os rituais das entidades olímpicas eram bem presentes e uma dessas entidades mais cultuadas, era a figura do deus do vinho, Dioniso.

Coro e Corifeu



Fonte: Google Images (2024)

Era muito comum que os ditirambos dos gregos fossem cantos e danças improvisados, líricos e alegres, apaixonados ou sombrios. Suas narrativas eram recitadas pelo

corifeu, que era uma espécie de cantor/ator principal acompanhado de outras vozes de pessoas que faziam coro. Normalmente essas pessoas entoavam os cantos com fantasias e máscaras que construíram as personagens de taurus e sátiros, que eram os companheiros de Dioniso na mitologia grega. Berthold (2001) nos comunica que:

Psístrato, o sagaz tirano de Atenas que promoveu o comércio e as artes e foi o fundador das Panatenéias e das Grandes Dionisiacas, esforçou-se para emprestar esplendor a essas festividades públicas. Em março do ano de 534 a.c. trouxe de Icária para Atenas o ator Téspis e ordenou que ele participasse da Grande Dionisiaca. Téspis teve uma nova e criativa ideia que faria história. Ele se colocou parte do coro como solista, e assim criou o papel do hypokrites ("respondedor" e, mais tarde, ator), que apresentava o espetáculo e se envolvia num diálogo como condutor do coro. Essa inovação, primeiramente não mais do que um embrião dentro do rito do sacrifício, se desenvolveria mais tarde na tragédia, etimologicamente, tragos ("bode") e ode ("canto") (Berthold, 2001, p. 104).

De forma análoga, a atriz-comunitária⁶ que representou o general, era como se fosse o corifeu do espetáculo. Ela fazia as perguntas com citações bíblicas sendo a voz principal e o batalhão a respondia em coro. Esses soldados faziam um cortejo pela praça José Sarney e depois se retiravam para a próxima parte do espetáculo.

A seguinte parte era a apresentação de casais heteros vestidos com trajes típicos de diferentes etnias e nacionalidades ao redor do mundo. Esses casais ficavam posicionados em cima de um mapa grande, como se fosse um tapete estirado no chão e cada um se posicionou em cima de um continente do globo. Assim, cada vez que um continente era citado, surgia uma voz gravada em rádio que seguia narrando as religiões presentes em cada continente do grupo, de maneira que cada casal era enaltecido.

Mas, qual seria a proposta desta cena? A proposta era trazer uma reflexão sobre a discriminação. Discriminação de religiões não protestantes, como as de matriz africana, a wicca, o hinduísmo, o catolicismo e islamismo. Dando total enaltecimento do protestantismo com os casais que representavam o protestantismo, sendo estes bem aplaudidos pelos fiéis que ali se encontravam. Isto leva-nos a pensar o quão perigoso é a propagação de mensagens ideológicas e preconceituosas, uma vez que, uma boa parte das igrejas reproduzem discursos violentos contra outras religiões. É como se a liberdade religiosa valesse apenas para os seus fiéis.

O público que se encontrava ali, majoritariamente era formado por cristãos protestantes, cristãos católicos que também iriam prestigiar o projeto CELEBRAI, bem como

⁶Atriz-comunitária é o termo criado pela pesquisadora brasileira Maria José Silva Lisboa em uma pesquisa sobre o Teatro Comunitário em 2018

os demais cidadãos de Santa Helena que iriam também prestigiar algo diferente, talvez fora do comum. O teatro ali se encontrava, mesmo sendo teatro de cunho específico pautado no evangelho, mas também era uma forma de entretenimento para a população de uma cidade pequena.

E, diante disso, pode-se dizer especificamente que em Santa Helena existe uma base de teatro cristão. Vimos o teatro organizado por igrejas protestantes com alusões históricas ao Teatro Medieval, Teatro Anchieta e ao Coro e Corifeu (Ditirambo) que fazem parte do Teatro Grego.

TEATRO ESTUDANTIL

Destacarei aqui o teatro estudantil, presente principalmente nas realizações de atividades artístico pedagógicas em algumas escolas do município de Santa Helena, principalmente em certos eventos como: datas comemorativas, gincanas e festivais estudantis, onde geralmente são montadas dramatizações temáticas.

O mundo em que vivemos é globalizado e capitalista, ou seja, apesar de termos constantemente a chegada de novas tecnologias de informações, a desigualdade social ainda é presente na vida de muitos brasileiros. Sendo assim, as oportunidades são poucas para corpos minoritários e os investimentos para a cultura e a valorização desse segmento ainda são precários, ou melhor, não são aplicados pela maioria dos governantes.

Desta forma, trago aqui, neste capítulo, a visão de uma teatro-educadora helenense, em conclusão de curso, que precisou sair de sua cidade natal para cursar o ensino de teatro na Universidade Federal do Maranhão, campus de São Luís.

De certo modo, irei iniciar o tópico sobre a prática teatral escolar desta cidade, especificamente o teatro estudantil, que ocorre principalmente na disciplina de Arte.

Apesar do componente curricular com a presença da disciplina de Arte em seu ensino, as escolas do município de Santa Helena, em sua grande parte, não exploram o ensino dessa disciplina da maneira como sugere a BNCC. O próprio documento afirma que:

Arte é uma área do conhecimento e patrimônio histórico e cultural da humanidade. No Ensino Fundamental, o componente curricular está centrado em algumas de suas linguagens: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (Brasil. Ministério da Educação, 2018, p. 157).

Principalmente em suas respectivas linguagens propostas na Lei, dando ênfase a esse sentido, as linguagens de Música, Artes Visuais, Dança e Teatro não são aplicadas. Isso se dá ao fato do baixo número de profissionais formados nesses cursos atuando na rede estudantil e também ao próprio sistema educacional/político da cidade que desvaloriza a disciplina.

Mesmo o documento da Lei nº 13.415/2017 que corresponde a BNCC, afirmando tais práticas no ensino fundamental, a problemática que trago aqui também se manifesta nos outros níveis de ensino da educação básica helenense⁷.

Sendo assim, a disciplina é mantida com métodos voltados apenas para a pintura, desenho e/ou leitura de livros de Arte. Ressalto aqui, que não desvalorizo tais práticas, mas diante das especificidades do ensino de Arte em suas diferentes linguagens, essa disciplina poderia ser explorada melhor, com outros olhares, atividades, exercícios e processos artísticos.

Outro ponto para discorrer aqui é a falta de formação acadêmica de professores nessas áreas de ensino, o que gera o problema de outros professores formados em disciplinas totalmente diferentes aplicarem aulas de Arte, sem ter conteúdo específico, ser habilitado para ministrar, o que ocasiona baixo aproveitamento dos alunos para com a Arte em suas respectivas linguagens e seu desvalor.

Esse desvalor é fruto de uma educação colonizadora que está instalada no Brasil a séculos. Ainda vemos em pleno século XXI discussões acaloradas acerca da importância do ensino de Arte nas escolas, como se ela não fosse tão importante para a formação do sujeito; além da maneira que a disciplina deve ser trabalhada e não ter o mesmo mérito comparada a outras, como Língua Portuguesa e Matemática.

Acaba que a disciplina de Arte é vista, ainda hoje, apenas como um escapismo de entretenimento escolar, tendo apenas o seu protagonismo na maioria das escolas, apenas em eventos de datas comemorativas como, por exemplo, o dia das mães ou o famoso dia da consciência negra. Geralmente nessas datas surge uma preocupação em produzir trabalhos artísticos para serem expostos.

E aí surge a problemática do porquê criar um espetáculo de teatro ou dança nesses momentos específicos. É para apenas criar um produto midiático “bonitinho” para chamar a atenção dos pais? São questões que surgem e apresentam várias respostas.

⁷ Helenense é o nome dado para pessoas que nascem no município de Santa Helena

O pesquisador Haderchpek (2018) atribui o pensamento em uma de suas pesquisas lançadas, de que:

Desde que fomos colonizados vimos reproduzindo um conhecimento estanque que vem importado dos modelos europeus, o teatro que conhecemos hoje é fortemente arraigado nas tradições do teatro europeu e do teatro russo (Haderchpek, 2018, p. 57).

Então, chegamos ao ponto de que na realidade o ensino de Arte, no contexto educacional de Santa Helena, é bem parecido com a realidade de outras cidades maranhenses e quiçá do Brasil, pois ainda seguimos esse modelo europeu. A citação acima traz uma reflexão sobre o uso exclusivo de teóricos do teatro europeu, como *Stanislavski*, *Brecht*, *Tchekhov*, *Grotowski* e outros. Todavia, trago esse pensamento para o ensino básico, focando na disciplina de Arte, pois aprendemos histórias europeias de vivências brancas, exemplo disso são os contos de fadas. Praticamente todas as histórias desses contos são narrativas ambientadas em solo europeu, de origem europeia ou folclore europeu. Então, parando para refletir, quase não é abordado histórias e contos sobre povos indígenas e africanos no ensino básico. Consequentemente, isso atravessa o campo da Arte, que agora em anos mais recentes se vem pensando nessas mudanças, mas ainda existe um longo caminho a seguir.

Se pegarmos um livro escolar da disciplina de Arte, e esse livro trouxer conteúdos sobre o teatro, provavelmente veremos o protagonismo dado aos gregos e toda sua tradição europeia, pois se tem um molde de educação eurocentrada.

Um movimento interessante que admiro em Santa Helena e que deve ser destacado, é como o teatro surge no contexto escolar. Nas escolas de ensino médio dessa cidade, é muito comum ocorrerem festivais estudantis, que são eventos culturais em que a Arte é predominante.

Geralmente nesses festivais ocorrem gincanas e disputas de equipes entre si com atividades pedagógicas/lúdicas com premiações. É uma maneira também de manter os alunos nas escolas e evitar a evasão escolar.

No ano de 2001 surgiu o primeiro festival estudantil de Santa Helena, a partir dali se iniciou um movimento de fomento artístico e educacional na cidade. O então intitulado Festival Vocacional Professor Plínio Muniz⁸, que levava o nome em homenagem ao professor

⁸ Plínio Muniz foi professor da rede estadual de educação, formado em Ciências Biológicas. Ele teve um grande trabalho na educação do povo helenense, ao criar uma cultura de festivais educacionais com o intuito de educar e fomentar a arte para seus alunos.

criador do movimento e tinha como objetivo, proporcionar vivências no ensino de Arte e ciências aos alunos do ensino médio das escolas públicas de Santa Helena.

Basicamente o professor Plínio Muniz percebeu a problemática do abandono escolar de boa parte dos alunos no ensino médio, assim como a problemática social dos motivos das evasões escolares serem principalmente a vulnerabilidade social. Nesse ponto, percebemos a importância da Arte na vida das pessoas e de como ela pode ser uma base de desenvolvimento intelectual e transformação de realidades.

O professor Plínio era fã da franquia de filmes Harry Potter⁹, que conta a história de um jovem bruxo que visita escolas de outros alunos bruxos e professores, além disso, nessa escola fictícia existem equipes que são formadas pelos estudantes que competem entre si, para construção de habilidades mágicas na formação desses bruxos.

No contexto da realidade, o primeiro Festival Motivacional Professor Plínio Muniz, seguiu a lógica da franquia de Harry Potter e os mesmos nomes das equipes foram adotadas para esse evento, como: Lufa Lufa, Sonserina, Corvinal e Grifinória. No caso, a escola que sediava esse festival, era o Centro de Ensino Newton Bello, na qual o professor Plínio era servidor desta instituição.

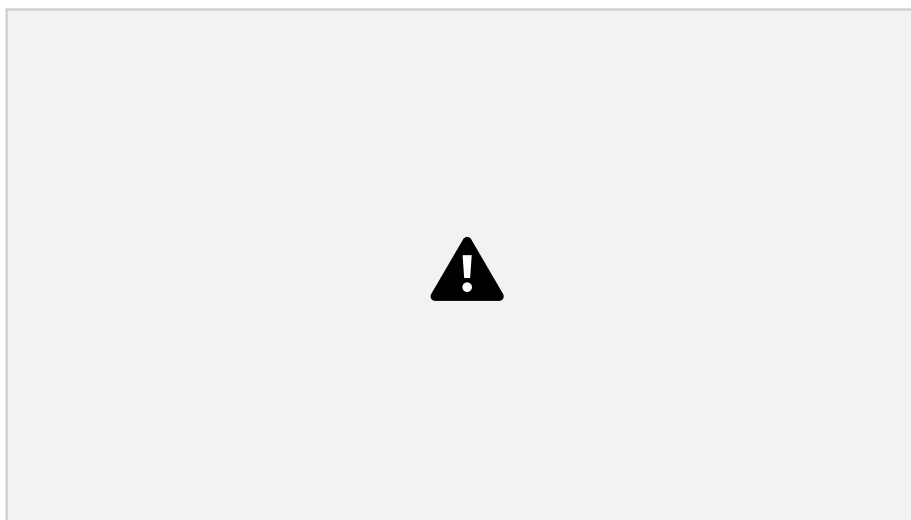
E surgiram as quatro equipes do Festival Motivacional Professor Plínio Muniz, acima mencionadas, que popularmente entre os cidadãos de Santa Helena, era chamado apenas de Festival. A lógica de inspiração do filme do jovem bruxo continuava e cada equipe possuía seus signos, mascotes, cores e gritos de guerra.

Analisando todo esse fomento da criação deste festival para o ensino médio de Santa Helena, aprecio como um projeto educacional necessário para a população, pois no primeiro momento, foi pensado apenas para os estudantes do ensino médio, uma forma de propiciar novas noções de ensino e evitar as evasões escolares, porém, se tornou algo cultural para a cidade de Santa Helena e foi visível como esse projeto foi crescendo a cada ano.

Basicamente todas as equipes recebiam patrocínios e recursos de empresas do comércio local de Santa Helena para produzirem seus trabalhos, algo que parava a cidade, pois o evento ocorria na praça José Sarney que se encontra localizada no centro da cidade. Era um local acessível para todos e assim qualquer pessoa podia apreciar as gincanas e as apresentações que ocorriam. Trazendo o foco para o universo do teatro, era possível ver as criações artísticas de performances e peças teatrais.

⁹ Harry Potter é um jovem bruxo protagonista de uma das maiores sagas de filmes e literatura mundial da cultura pop

Público acompanhando o Festival na praça José Sarney



Fonte: Facebook (2012)

Busquei novamente a professora Silvia Fróes para saber mais sobre o famoso festival que movimentou por anos a cultura e educação de Santa Helena, pois ela atuou como professora da rede pública estadual. Silvia Fróes em 20 de abril de 2024, via Whatsapp, ressaltou que:

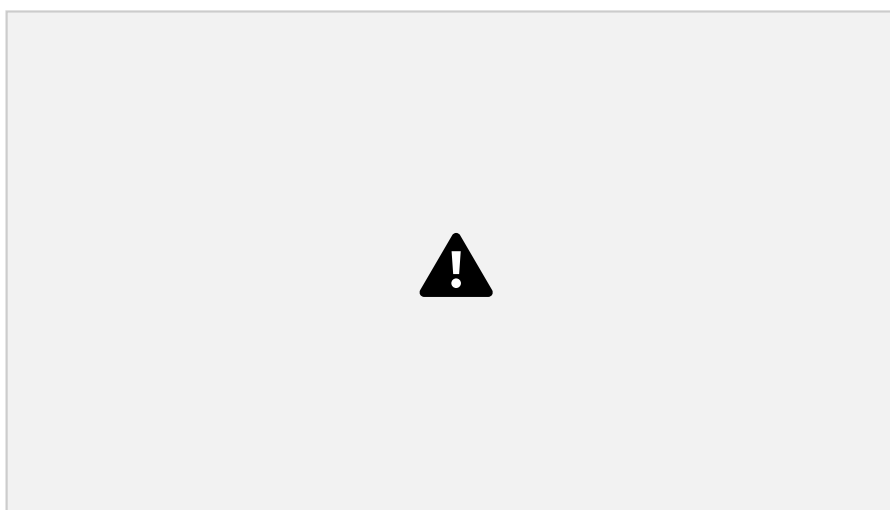
Bem, Plínio era um jovem de São Luís que vivia em Santa Helena a trabalho. Primeiramente ele trabalhou no banco do Brasil, depois ele conseguiu contrato e foi trabalhar na escola Newton Bello (hoje IEMA PLENO NEWTON BELLO). Nessa época que começou trabalhar na escola, ela passava por um momento muito grave de gestão pedagógica e de precárias condições de estrutura, mas o grande problema sofrido na época era a evasão escolar, indisciplina e o vandalismo dos estudantes contra o patrimônio público. E ele como era um jovem professor que vivenciou uma forma de ensino diferenciada, sobretudo no que diz respeito a cultura da leitura que fora algo que tinha em prática na vida. Ele gostava de ler e assistir filmes. Então, sabiamente ele começou um combate contra atos de indisciplina dos estudantes, primeiramente incentivando a cumprir tarefas de grupo.

Observando o relato da professora, percebi como se faz necessário a criação de projetos educacionais nas escolas, pois assim, é possível educar através de metodologias diversas e romper um pouco com o tradicionalismo de ensino. Trazendo um pouco para a minha vivência, lembro-me de ser criança e acompanhar meu primo David nas atividades do

festival. Depois meu irmão Breno e por fim, no meu primeiro ano do ensino médio pude participar do Festival Motivacional Professor Plinio Muniz.

Sendo assim, reitero a argumentação de que esse movimento se tornou algo cultural em Santa Helena, pois várias escolas do ensino fundamental e municípios vizinhos como, Turilândia¹⁰, passaram a criar projetos educacionais que eram baseados no Festival Motivacional Professor Plinio Muniz, seguindo a mesma ideia de quatro equipes competindo entre si e fazendo parte do calendário escolar.

Imagem: Performance coreográfica da equipe Grifinória



Fonte: Facebook (2012)

Outro ponto necessário para se discorrer sobre o festival, era o uso do teatro como instrumento pedagógico. Todo ano o Festival Motivacional Professor Plinio Muniz apresentava um tema para ser trabalhado pelas equipes. O objetivo de propor temas era estimular o aprendizado de valores morais e educacionais por parte dos alunos. Citarei alguns temas que já foram trabalhados, como a valorização do meio ambiente, educação e diversidade, entre outros. A organização ocorria por parte dos professores atuando na produção de todo o festival e os alunos atuando nas equipes, desenvolvendo juntos as atividades, visto que boa parte das atividades ocorriam em praça pública, então os cidadãos da cidade eram verdadeiramente, o público que os assistia.

Uma das atividades teatrais que ocorria durante o festival, eram as adaptações de livros da literatura brasileira, onde os alunos das equipes recebiam seus textos e tinham que montar suas apresentações para serem expostas no palco da praça José Sarney. Esse palco é

¹⁰ Turilândia é a cidade vizinha de Santa Helena, sendo ambas separadas pela barreira geográfica do rio Turiaçu

muito utilizado para eventos diversos da cidade por pertencer a prefeitura local. Além disso, havia também as performances das mascotes das equipes, um dos detalhes importantes para ser destacado, é que boa parte das alunas eram mascotes de suas equipes, eram membros da comunidade LGBTQIAPN+. Para ser breve, ser mascote era um momento único de destaque e protagonismo, então acabava que ter essa visibilidade para uma multidão de pessoas em praça pública, era algo empoderador para alunas travestis e drag queens.

Em suma, as mascotes promovem um show com criatividade, presença e desenvoltura, realizando contorcionismo, malabarismo, pantomima e dança para animar o público do festival. Essas performances eram julgadas por um júri, assim como as demais atividades e gincanas do festival. O júri sempre era composto por professores e convidados.

Performance da mascote Cristal da Lufa Lufa



Fonte: Facebook (2016)

Performance da mascote Lu da Corvinal



Fonte: Facebook (2015)

O Festival Professor Plinio Muniz teve grande importância nos segmentos da arte, cultura e educação de Santa Helena. Possibilitou novos olhares para educação e o surgimento de novos talentos para arte helenense, além de proporcionar entretenimento e lazer para os cidadãos helenenses. No quesito de arte, era possível ver performances, peças teatrais, coreografias de danças, pinturas, artesanato, literatura e moda, tudo ligado ao ambiente escolar, mobilizando dezenas de patrocinadores, escolas e centenas de pessoas/público em geral.

A VIA SACRA DE SANTA HELENA

Na tradição católica, a Via Sacra faz parte de um conceito religioso de fé que está presente em diversos países do globo. Podemos dizer que é um acontecimento de arte sacra, pelo fato de existirem montagens de espetáculos teatrais baseados na história de Jesus Cristo, conforme dita a bíblia. A Via Sacra ocorre no período da quaresma, período esse que é precioso para os cristãos católicos, ortodoxos e algumas denominações de igrejas protestantes, que segue um período litúrgico do calendário cristão antecedendo a Páscoa. Esse período dura 40 dias, excluindo os domingos, sendo um tempo de preparação espiritual para a celebração da ressurreição de Jesus.

Nesse momento de preparo espiritual dessas igrejas, especificamente a católica que têm grandes influências nas culturas de diversas sociedades. Até pelo fato de que muitos locais do mundo seguem religiões cristãs por virem do processo de colonização, por esse motivo, é comum vermos várias cidades brasileiras seguindo essa crença e se abstendo de algumas atividades carnavais para se dedicarem ao período quaresmal.

Desde o processo de colonização do Brasil, o teatro esteve presente, sendo um aliado da Igreja Católica em seu processo de pregação. Ainda hoje é possível ver o teatro e a fé de mãos dadas agindo juntos em diferentes realidades de comunidades. O foco deste capítulo será conceituar a ideia de Teatro Comunitário e a Via Sacra de Santa Helena, pois esse fenômeno artístico ocorre em várias cidades do Maranhão, como Pinheiro, Palmeirândia, Arame, Alcântara, Presidente Sarney, Turilândia, São Luís, Carutapera, São Bento, Nina Rodrigues, Carolina, Arari e outras cidades do estado. E o mais interessante desse movimento, é a sua prática ser realizada com não atores, termo esse que foi utilizado pelo dramaturgo Augusto Boal (2014) e normalmente é utilizado pelo Teatro Comunitário.

O Teatro Comunitário ou Teatro em Comunidades é um tipo específico de produção teatral realizado em localidades e/ou entidades que são constituídas por grupos sociais específicos, que acaba ocorrendo principalmente em zonas rurais, periféricas e interioranas. Geralmente o palco utilizado para espetáculos comunitários é a rua, bem como praças e avenidas, pois se torna mais acessível para qualquer tipo de público, mas ainda assim, pode ser apresentado em palcos tradicionais.

A Via Sacra de Santa Helena carrega consigo esse conceito comunitário que traz a fomentação artística da cidade. É um evento que mobiliza muitas pessoas, pois acaba se tornando um artifício de pertencimento artístico para quem participa e quem assiste. Sempre que é divulgado o início dos ensaios para a Via Sacra, é comum ver a mobilização de jovens para participarem, jovens esses que são católicos e ainda aqueles que não são, mas possuem o desejo de atuar.

Segundo a pesquisadora Marcia Pompeo (2010):

O Teatro Comunitário Religioso é a origem do engajamento de muitos jovens com a prática teatral. Envolve frequentemente encenações ligadas a datas religiosas, como a representação da Paixão de Cristo, que pode adquirir contornos mais ou menos comunitários, dependendo do tipo de envolvimento dos participantes; trabalhos vinculados a grupos de jovens; trabalhos assistenciais etc. A prática teatral com comunidades pode ser identificada junto à religião espírita, pentecostal, católica etc. (Pompeo, 2010, p. 2).

Podemos denominar esse acontecimento como um processo de inclusão artística e/ou cultural, pois o que acontece no município de Santa Helena, do estado do Maranhão, é a entrada de muitos jovens para o mundo do teatro, através da igreja.

Buscando informações para saber a origem da Via Sacra de Santa Helena, entrei em contato com o professor Josivaldo¹¹, que esteve no início de todo esse movimento, sendo um dos fundadores. O professor Josivaldo, em 10 de outubro de 2024, via whatsapp, informa que:

Sobre o início da Paixão de Cristo, aqui existiam vários grupos de jovens, muitos deles ligados à igreja. Existia o Juredecri, os Juditaquix e esses grupos organizavam a Paixão de Cristo. O Juredecri era o grupo do bairro Centro da Igreja Matriz de Santa Helena, e o Juditaqui era o grupo do bairro Ponta d'areia da Igreja de São Braz. Ambos os grupos montavam peças individuais em suas respectivas comunidades. O Juditaqui realizava suas apresentações a tarde e o Juredecri a noite, mas no começo era apenas dentro da igreja, depois que as apresentações passaram a ser feitas em praça pública porque o movimento foi crescendo e ficando bonito a

¹¹ Professor Josivaldo é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Maranhão. Em sua juventude ele frequentava a Igreja Católica de Santa Helena e foi um dos fundadores da Via Sacra local.

cada ano. Antes somente na praça José Sarney, mas depois vinha da praça da bandeira até a praça José Sarney.

No ano de 2024 a Via Sacra de Santa Helena completou 30 anos de história, tendo seu início em 1994. Por meio da fala apresentada acima pelo professor Josivaldo, conseguimos entender a origem da Via Sacra de Santa Helena, que na cidade é chamada também de Paixão de Cristo e também a noção do processo de coletividade, pois antes era dentro da igreja e depois com o aumento do público passou a ser nas praças, e assim foi possível construir um movimento teatral e religioso na cidade.

Todavia, o professor Josivaldo também contou que no ano de 1987 foi fundado o grupo Exquema, que era um grupo de jovens independente da Igreja Católica, eles começaram suas atividades no Ensino Médio e expandiram para o município, produzindo festas, danças ciganas, peças teatrais, halloween, blocos carnavalescos e até comemorações do Dia dos Namorados. Foi pioneiro o teatro de Santa Helena e, no dia 10 de outubro de 2024, via whatsapp, o professor Josivaldo afirmou que:

O grupo Exquema agia de forma independente, depois que veio a parceria com a Paróquia de Santa Helena. Ficamos encarregados de ajudar nas missas aos domingos e após isso nós pegamos a Paixão de Cristo e ficou com a nossa responsabilidade, então nós unimos os grupos de jovens que faziam parte da igreja e os que não eram, para assim criar um movimento só de peça de Paixão de Cristo. Houve a união do Juredecri¹², Juditaqui e Exquema.

Também nos relatou sobre o pioneirismo das produções artísticas e culturais que o grupo Exquema fazia em Santa Helena. No dia 10 de outubro de 2024, o professor Josivaldo afirmou que eles eram bem engajados e conta que:

As pessoas que fundaram e que começaram a trabalhar com peças, foram as mesmas que fundaram o grupo. Eu o Josivaldo, Zé Carlos que é professor de História, Esmeraldo Pavão, o artista plástico, Lurdinha Oliveira que é irmã de Laércio, outro artista da cidade, Edvaldo Campos e vários outros. E nesse período nós ficamos ligados à igreja, mas não deixamos de produzir outros eventos e isso despertou comentários acerca do nosso grupo, pois falavam que produzimos coisas mundanas. Eles não gostavam das nossas participações em festas, mas por incrível que pareça, as nossas missas eram as melhores e o pessoal gostava muito.

É preciso entender também o conceito de grupo, visto que uma comunidade surge a partir de grupos. No final dos anos 1980 e início dos 1990 começaram a surgir em Santa Helena vários grupos de jovens, boa parte relacionada à Igreja Católica e outra não, como é o caso do antigo grupo Exquema.

¹² Juredecri antigo grupo de jovens católicos da década de 1990 da Paróquia de Santa Helena

Para Silva (2020), a ideia de grupo é focada no pensamento provocativo de que:

A concepção de grupo parte do princípio de que são trabalhos, desenvolvidos em equipe, nos quais todos contribuem à sua maneira, com direitos e deveres a serem exercidos na construção de uma identidade comum (Silva, 2020, p. 150).

A maneira que o grupo Exquema¹³ trabalhava, assim como o Juredecri e Juditaqui¹⁴, eram diferentes, porém cada um com sua organização e objetivo. Eles em si não eram grupos específicos focados no teatro, mas produziam teatro. Obviamente sem meios técnicos ou profissionais formados em teatro, mas que produziam seus eventos.

Imagem: Cartaz de divulgação dos 30 anos da Via Sacra de Santa Helena



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A junção desses grupos para uma única produção da Via Sacra de Santa Helena é uma prática do Teatro Comunitário, pois unifica grupos de diferentes bairros da cidade para a comunhão de um mesmo trabalho artístico. Ou seja, foi algo grandioso, pois mobilizou toda a cidade a querer acompanhar anualmente um espetáculo teatral.

Como ocorre a montagem da Via Sacra de Santa Helena atualmente? Ela se inicia pela equipe de produção, essa equipe é composta majoritariamente por membros da PJ (Pastoral da Juventude). É comum também que outros membros da Paróquia de Santa Helena participem dessa organização, mas o maior envolvimento é a juventude da PJ. A Via Sacra é

¹³ Exquema antigo grupo de jovens sem ligação com a Igreja Católica da década de 1990 da cidade de Santa Helena

¹⁴ Juditaqui antigo grupo de jovens católicos da década de 1990 da Paróquia de Santa Helena

sempre realizada no mês de março, então dois meses antes, a equipe organiza esse espetáculo, começa a divulgar a chamada de elenco para quem quiser participar. Essas divulgações para reunir elenco ocorrem dentro das missas em cada comunidade da cidade, como nas comunidades das Igrejas de São Brás, Nossa Senhora de Nazaré, Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição, São Benedito e na matriz Santa Helena, padroeira da cidade.

Além da convocação para chamada de elenco nas missas, essa divulgação também ocorre nas escolas da cidade, na rádio local e por meio das redes sociais. Pela necessidade de valorizar essa tradição, no ano de 2024 foi criado o primeiro grupo de teatro da Igreja Católica de Santa Helena. O grupo criado recebeu o nome de Kairós¹⁵ que significa “O tempo não para”. A Pastoral da Juventude local entendeu que seria interessante montar um grupo teatral para fazer esse espetáculo, visto que nos anos anteriores não existia um grupo teatral, apenas a Pastoral da Juventude realizava a condução deste trabalho com a motivação maior da fé.

Entrando em contato com Gabriel Soares¹⁶, um dos coordenadores da Pastoral da Juventude de Santa Helena, questionei sobre o surgimento do grupo Kairós em 15 de fevereiro de 2025, via whatsapp ele respondeu que:

O grupo surgiu no começo de 2024 quando percebemos que fazíamos teatro, e também para fortalecer essa tradição em Santa Helena que já tem três décadas.

Por ser a Pastoral da Juventude à frente da Via Sacra de Santa Helena, é comum que no contexto de Santa Helena as pessoas que organizam esse espetáculo saiam e passem adiante para futuras gerações. Exemplificando melhor, o professor Josivaldo foi um dos fundadores deste trabalho, mas hoje em dia ele já não faz mais parte, apenas assiste como espectador e fiel. Além da mudança de liderança de quem organiza a Via Sacra, ocorre o mesmo com o elenco, todo ano há uma renovação. Geralmente a Pastoral da Juventude acolhe adolescentes católicos a partir dos 14 anos, então o jovem permanece nesse movimento e ao longo do tempo ele vai fomentando mais as suas vivências enquanto católico. É muito comum que pessoas saiam da Pastoral da Juventude conforme vão envelhecendo e adentrem outras pastorais da Igreja. Alguns exemplos de pastorais¹⁷ são: Pastoral da catequese, Pastoral da Família, Pastoral da Liturgia, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Terra etc. Também têm os

¹⁵ O grupo Kairós foi criado em janeiro de 2024 quando os participantes da Pastoral da Juventude entenderam a necessidade de criar um grupo somente de teatro para organizar a Via Sacra da cidade.

¹⁶ Gabriel Soares é coordenador da Pastoral da Juventude de Santa Helena. Frequenta a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré.

¹⁷ Pastorais é o termo usado para grupos da Igreja Católica com fins de evangelizar públicos específicos que formam a Igreja.

movimentos católicos como: terço dos homens, terço das mulheres e a renovação carismática que ex -integrantes da Pastoral da Juventude costumam migrar.

Percebemos então, que a base da formação da Via Sacra de Santa Helena, é o grupo da Pastoral da Juventude local. Cada comunidade católica de Santa Helena possui seus respectivos grupos de jovens da PJ. As comunidades católicas são das seguintes Igrejas: Igreja Matriz de Santa Helena, Igreja de São Brás, Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, Igreja de Santo Antônio, Igreja de São Benedito e Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Diante disso, percebemos que a base da formação do que nomeamos de Teatro Comunitário, é a atividade grupal. Os grupos de jovens da Pastoral da Juventude se unem e fazem a Via Sacra de Santa Helena.

Silva (2020) destaca a importância dos grupos para a realização de outras atividades e projetos em contexto comunitários, a importância da mobilização e participação dos sujeitos comunitários, potencializando a mão que transforma a arte como, por exemplo, a Via Sacra do Anjo da Guarda, promovida pelo Grupo Grita há 44 anos, em São Luís (MA) e destaca:

[...] a mobilização de centenas de pessoas oriundas de várias localidades, assim como as características de promoção no desenvolvimento socioeconômico cultural, provocando, entre outros: a) o aquecimento na economia local; b) a qualificação profissional nas diferentes áreas; c) a valorização dos artistas e artífices - anônimos e famosos – partícipes dessa construção histórica, e; d) além de ser um espaço de formação do público, agregando a este contexto o valor turístico do evento (Silva, 2020, p 153).

Na realidade de Santa Helena, a Via Sacra se tornou um acontecimento cultural e turístico também, trazendo espectadores da cidade e até de municípios vizinhos, como a cidade de Turilândia, que faz divisa com Santa Helena pela barreira geográfica do rio Turiaçu. E para além da conexão com o Teatro Comunitário, a Via Sacra tem as suas montagens ocorrendo nos espaços urbanos do município, como praças, avenidas e ruas, trazendo uma acessibilidade teatral para todos os públicos. Os ensaios desse espetáculo costumam ocorrer nesses mesmos locais, que já instiga a quem estiver por perto, assistir à peça quando ela estiver pronta.

No fator da economia e produção cultural, o professor Josivaldo conta que os grupos Exquema, Juredecri e Juditaqui se mobilizaram juntos para conseguirem verba para as montagens da Via Sacra todos os anos. Criavam estratégias para potencializar parceiros e adquirirem patrocínios como, por exemplo, o festival de cachorro-quente, que tinha o propósito de adquirir fundos para produzirem os cenários das encenações e vestimentas dos atores comunitários.

No ano de 2024 a Via Sacra de Santa Helena completou 30 anos de história, e nessas três décadas, muitas gerações passaram por esse movimento teatral, que tem como foco evangelizar, mas que acaba suprimindo a necessidade artística dos cidadãos helenenses de consumir e fazer arte, o que contribuiu para minha opção e formação artística.

Analisando toda a conceituação do Teatro Comunitário e de como ele acontece, percebo a Via Sacra de Santa Helena como um alicerce que se encaixa nessa prática teatral, pois facilita o recebimento e o acesso de diferentes pessoas ao mundo teatral. Os helenenses além de verem um teatro a céu aberto, participam enquanto público acompanhando todo o espetáculo pelas principais ruas, avenidas e praças da cidade. Além do mais, entendem a Via Sacra de Santa Helena como uma joia valiosa da cultura local, pois essas três décadas reforçam sua importância. A Via Sacra helenense vive e renasce a cada ano com um grupo novo de jovens católicos amadores no mundo teatral, que se planeja e organiza esse tradicional espetáculo local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que essa pesquisa possa contribuir para preencher algumas lacunas da história do teatro maranhense, mediante os contextos aqui abordados, mesmo de forma incipiente, na perspectiva de trazer nomes, grupos, processos e produtos distintos, potencializando as diferentes realidades culturais e econômicas que permeiam o estado do Maranhão. É um trabalho que apresenta movimentos artísticos que estão presentes na cidade de Santa Helena e que formam a cena teatral local desse lugar. A presente pesquisa elucidou também sobre o Teatro Comunitário e sua importância para a fomentação da Arte. Pois se faz necessário entender que em cada município/região do Maranhão, a Arte e o Teatro de maneira geral aparecem, mas com diferenças, como já ressaltado aqui antes.

Em Santa Helena, assim como outras cidades pequenas do Maranhão, as igrejas possuem um papel fundamental de incentivo ao consumo de Arte/Teatro. Dado isso, a Via Sacra é um grande exemplo, acolhe vários jovens com o sonho de serem artistas, ainda que atuem de maneira amadora, mas atuam produzindo Arte e proporcionando a população, o consumo de Teatro. O presente trabalho aqui escrito valoriza e apresenta movimentos artísticos que estão presentes na cidade de Santa Helena e que compõem a cena teatral local.

Destaco também, a importância da BNCC como forte pilar para a transformação na educação, rompendo com o ensino colonial baseado em métodos arcaicos e do eurocentrismo,

pois ali têm normas e sugestões de como devem ser trabalhada a disciplina de Arte, sobretudo o teatro.

Diante disso, reconheço a importância dessa pesquisa e a dedico aos cidadãos helenenses, esperando que ela possa servir de alicerce empoderador para a continuação do movimento da Via Sacra, bem como um incentivo para a criação de mais movimentos teatrais na cidade. Augusto Boal dizia que o teatro era como uma arma, mas uma arma eficiente, ou seja, é um meio de transformação individual e coletiva.

A Via Sacra de Santa Helena, mais do que uma tradição religiosa, se transforma em uma poderosa forma de expressão coletiva quando encenada como teatro comunitário. Essa união entre fé e arte permite que a comunidade vivencie, de forma simbólica e emocional, os últimos passos de Cristo, criando um espaço de reflexão, solidariedade e identidade. O teatro comunitário dá voz aos helenenses, valorizando suas histórias e talentos, enquanto a encenação da Via Sacra reforça valores como empatia, compaixão e justiça. Assim, ao integrar espiritualidade e participação popular, a Via Sacra de Santa Helena fortalece os laços sociais e mantém viva a tradição.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cláudia Rita Almeida de. **Coro: corpo como experiência colectiva e espaço como vivência poética: intersecções e cruzamentos entre o Teatro grego antigo e Teatro comunitário**, 2011.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**, 2001.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. Editora Cosac Naify, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2023.

DE ALMEIDA PRADO, Décio. **Teatro de Anchieta a Alencar**. Editora Perspectiva, 1993.

HADERCHPEK, Robson Carlos. **O Jogo Ritual e as Pedagogias do Sul: práticas pedagógicas para a descolonização do ensino do teatro**. Moringa, v. 9, n. 1, p. 55-65, 2018.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. Diálogos entre o Teatro em Comunidades e a Academia. In: **VI Congresso de Pesquisa e pós-graduação em artes cênicas-ABRACE**, 2010.

SILVA, Maria José Lisboa. **Teatro comunitário: além-fronteira: um cruzamento de ideias, caminhos, desafios e superações**, 2020.

SILVEIRA, Camila Nunes Duarte; DE ALMEIDA, Maria Cleidiana Oliveira; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. **A arte de dominar: o teatro de José de Anchieta como**

instrumento de reconstrução da memória coletiva indígena. *Dramaturgia em foco*, v. 5, n. 1, p. 89-108, 2021.